

Os inimigos invisíveis: a doença como metáfora

Invisible enemies: disease as a metaphor

Caline de Almeida Barbosa¹ 
Lara Silva Perussi Bertão² 
Lucas Santana Passinho³ 

¹Autora para correspondência. Universidade Federal do Oeste da Bahia (Barreiras). Bahia, Brasil. calineabarbosa@hotmail.com

²Universidade Federal de São Paulo (São Paulo). São Paulo, Brasil. lara.perussi@hotmail.com

³Universidade do Estado da Bahia (Salvador). Bahia, Brasil. apontamentosdocumentos@hotmail.com

RESUMO | O ensaio estrutura-se com base no livro *A doença como metáfora*, de Susan Sontag, à medida que discorre sobre o processo de metáforização ao qual o ser humano submete as doenças que lhe acometem, sobretudo quando estas lhe fazem sentir impotente diante das arbitrariedades da vida. O ensaio reflete, desde a sua introdução, sobre a importância da literatura enquanto representação de tudo o que atravessa a realidade humana, trazendo, em seu desenvolvimento, títulos de alguns textos nos quais a metáforização das doenças, atrelada à culpabilização das vítimas, faz-se presente. Textos de diferentes períodos da história são evocados - de *Édipo Rei*, de Sófocles (427 a.C.), a *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago - com a finalidade de conduzirem-nos à reflexão acerca do atual momento que vivemos: o de Pandemia da Covid-19. Assim como outras doenças que fugiram ao controle do homem ao longo de toda a história, a COVID-19 também tende a ser metáforizada e, com isso, discursos fanático-religiosos, xenófobos e segregadores podem assumir protagonismo, exigindo de todos os que enfrentam o vírus, maturidade e, em especial, dos profissionais da saúde, coragem para ver e reparar não só em todos os sintomas que nos ameaçam enquanto espécie humana, mas, sobretudo, nas pessoas que se veem numa guerra contra um inimigo invisível e necessitam, como nunca, de uma medicina humanizada.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Doença. Literatura. Medicina. Humanidades.

ABSTRACT | The essay is based on the book *A doença como metáfora* by Susan Sontag as it discusses the process of metaphorization to which being human submits the diseases that affect him, especially when they make him feel powerless in the face of the arbitrariness of life. The essay reflects, since its introduction, on the importance of literature, as a representation of everything that crosses human reality, bringing, in its development, titles of some texts in which the metaphorization of diseases, linked to the guilt of the victims, is present. Texts from different periods of history are evoked - from *Édipo Rei* of Sófocles (427 BC) to José Saramago's *Ensaio sobre a cegueira* (1995) - in order to lead us to reflect on the current moment we are living: the Covid-19 Pandemic. As well as other diseases that have eluded man's control throughout history, Covid-19 also tends to be metaphorized and, with this, fanatical-religious, xenophobic and segregating speeches can take a leading role, demanding of all who face the virus, maturity and, especially of health professionals, the courage to see and repair not only all the symptoms that threaten us as a human species but, above all, people who find themselves in a war against an invisible enemy and need, as never before, a humanized medicine.

KEYWORDS: Metaphor. Disease. Literature. Medicine. Humanities.

Introdução

Tudo o que priva o homem do controle que julga ter sobre a sua vida é motivo de medo e de investigação desde os tempos mais remotos. A doença, compreendida como “um conjunto de sinais e sintomas específicos que afetam um ser vivo, alterando o seu estado normal de saúde”¹, pois, sempre foi propulsora de terror e motivo de pesquisa aos que, como nós, tiveram de enfrentar epidemias agressivas, que ceifaram muitas vidas.

Sendo a literatura “uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”², não nos deve ser motivo de surpresa o fato de podermos encontrar inúmeras representações das doenças que assolaram a humanidade em obras literárias de diversos autores e períodos. Contudo, algo digno de nota, presente em algumas dessas obras, é o processo de metaforização das doenças, isto é, o processo de substituição das nomenclaturas científicas dadas a conjuntos de sintomas, por supostos sentidos extrabiológicos de alguns males.

A premissa de que o homem tem sede de sentido é universalmente conhecida, e diante de doenças misteriosas, por isso, incontroláveis, foi e é natural que ele as signifique, as simplifique, as metaforize, de forma a aplacar a angústia de ser alguém sujeito à arbitrariedade do mal. As metáforas das doenças, todavia, se tendem a aplacar o desassossego do homem frente à falta de respostas, podem também ser fonte de posturas retrógradas e segregadoras, tema sobre o qual Susan Sontag se detém com maestria no livro *A doença como metáfora*³.

Desenvolvimento

Desde *Édipo rei* de Sofócles (427 a.C)⁴, a peste, terminologia utilizada para categorizar o que há de pior em termos de calamidades e males coletivos, segundo Sontag, é associada à fúria divina. Tendo Édipo, rei de Tebas, assassinado o pai e casado com a mãe (sem sabê-lo), é a razão pela qual a cidade que governa sofre com uma terrível epidemia, inominável, que assola homens e animais⁴. A metaforização da doença como fruto de um erro, consciente ou não, de um pecado, se nos valermos do campo semântico judaico-cristão, é antiga (e ainda vigente).

Na literatura bíblica, a Hanseníase, antes tratada por Lepra, doença que permaneceu sem tratamento adequado até 1874, é associada a um castigo divino em, pelo menos, duas passagens bastante conhecidas do Velho Testamento⁵. Miriam, ao questionar a liderança de Moisés, representante religioso e político de Israel, é atacada de forma que a sua pele torna-se “branca como a neve” (Números 12.10), e Uzias, um dos reis de Israel, ao queimar incenso no templo, tarefa de que eram incumbidos os sacerdotes, é punido por Javé, tornando-se leproso até o dia de sua morte (II Crônicas 26.21)⁵. Ora, a Hanseníase, em contexto bíblico, além de associada ao pecado, à impureza, significava àqueles que a portavam total isolamento, expulsão do grupo, sendo, portanto, forte fator de segregação social (Levítico 13.48)⁵.

Se na literatura antiga encontramos uma associação bastante clara da doença a fatores extrabiológicos, como erros cometidos contra divindades, em obras mais recentes, a representação da doença como metáfora tende a se dar de forma variada e, por vezes, mais sutil, mas ainda nos diz muito sobre a forma como enfrentamos o desconhecido.

Em *A máscara da morte rubra*, de Edgar Allan Poe⁶, apesar de sermos apresentados à epidemia de uma doença desconhecida, sinalizada pela vermelhidão de suas vítimas, a referência ao surto de Cólera na Europa, que ocorreu entre 1837 e 1863, parece ser plausível. Dizimando milhões de pessoas, a Morte Rubra, ou o Cólera, é personificada no conto como um sujeito que, comparecendo a um baile de máscaras da nobreza, organizado pelo Príncipe Próspero, durante a quarentena em que se encontrava um grupo seleta, provoca a raiva em todos ao lembrar-lhes do que se passa fora do castelo⁶. Considerando que a máscara vermelha e a mortalha que vestia não eram senão uma provocação aos nobres que seguiam indiferentes frente à morte da população de fora do castelo, o príncipe planeja o assassinato do convidado mascarado que o mata com um punhal, com o qual, logo em seguida, extermina todos os que estão presentes na festa⁶. Demonstrando-nos que a morte castiga a todos os homens que se julgam protegidos do “demônio” da peste, seja ela qual for, o conto de Poe nos permite refletir sobre o misticismo a partir do qual lemos realidades que não podemos controlar, dentre as quais podemos destacar o surto de doenças infectocontagiosas.

Dentre as doenças mais representadas metaforicamente, podemos ressaltar a tuberculose. Apesar de ter atravessado diferentes períodos da história, a tuberculose metaforizou-se, sobretudo, nos séculos XVIII e XIX, apogeu romântico. Em *Frei Luís de Sousa* (1843), de Almeida Garrett, por exemplo, ela aparece sem ser nomeada, acometendo a jovem Maria, casta e doce, de efusões sentimentais, febres e tosses⁷. A doença, assim como na literatura bíblica, aparece na peça garrettiana como uma espécie de punição, não aos pecados de Maria, mas de seus pais, adúlteros, que apesar de terem coabitado julgando que o primeiro marido de Madalena era morto, macularam a existência da filha⁷. Nessa obra, os empregos contraditórios os quais Sontag³, destaca na representação da tuberculose, “paixão” e “sublimação”, fazem-se presentes no pecado passional do casal e na morte da filha, virgem, no meio de uma cerimônia religiosa, permitindo que notemos que a vinculação de doenças misteriosas a um sentido totalmente avesso ao biológico é lugar-comum na literatura.

Muitas outras doenças que marcaram a história e as suas respectivas representações literárias poderiam ser citadas, a Peste Negra (tema explorado por Daniel Defoe), a Gripe Espanhola (tema frequente na literatura de Nelson Rodrigues), dentre outras. Contudo, uma doença infectocontagiosa altamente metaforizada, sobretudo pela sua forma de contágio, é a Aids, doença sobre a qual Sontag, em um ensaio posterior, também se deteve de forma significativa⁸. Se as doenças infectocontagiosas as quais o homem tardou a achar a cura sempre foram associadas a um castigo divino, o que se dizer da Aids?

Infecção sexualmente transmissível, a Aids, por muito tempo foi tratada como um castigo aos homossexuais do mundo, vista como “peste gay” ou “câncer gay”⁹. Doença primeiramente detectada na África e que, tal como hoje se diz em relação à Covid-19, muitos acreditaram ter sido produzida por laboratórios como forma de ataque aos Estados Unidos, a Aids, no século XX, demonstrou-nos, mais uma vez, que a metaforização da doença, intrinsecamente relacionada à culpabilização do doente, é um esqueleto sempre presente em nossos armários⁸.

Caio Fernando Abreu, escritor brasileiro declaradamente homossexual e portador do vírus HIV, em muitos de seus contos e novelas, apresenta-nos a personagens com Aids¹⁰. Se muitos escritos do autor permitem-nos que reflitamos sobre o padecimento dos portadores do vírus, no que diz respeito à degenerescência física e aos estigmas sofridos, o conto *Dama da noite* (1984) metaforiza a Aids, personificando-a na protagonista do conto que se apresenta, enquanto prostituta, a um dos clientes, como sendo a dama da noite, a dama maldita, a dama mortal, que vai contaminar o sangue de todos com quem deitar¹⁰. No conto, notamos a problemática representação da Aids como doença que castiga à licenciosidade sexual. Representação esta que fortalece não só a paranoia política do primeiro mundo, já que o vírus é atribuído, em suas origens, ao continente africano, como também a visão moralista da sociedade que, segundo Sontag⁸, diante da ameaça de contaminação, reveste-se ainda mais do individualismo tão danoso às relações humanas.

A dengue, a gripe por H1N1, Chikungunya, Zika Vírus e, por fim, a Covid-19, dentre tantos males que assolaram e assolam o Brasil e o mundo, provam-nos não só que o investimento em ciência é imperativo à vida, como também, se olharmos para as manifestações artísticas do passado e do presente, que o homem precisa amadurecer. Em tempos de Pandemia, é trágico-cômico que, em um país cujo governo tem um grande desprezo às artes, possamos nos ver tão bem representados em *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago¹¹: acometidos por um mal que não conseguimos combater, cegos por preconceitos e pseudoteorias, em isolamento, animalizados por nosso individualismo.

Inicialmente, a Covid-19 foi tratada como “doença de rico”, pois os primeiros casos confirmados no país manifestaram-se em pessoas recém-chegadas de viagens ao exterior. Contudo, ao decretar-se a transmissão comunitária no território nacional, a infecção passou a afetar todas as classes sociais, principalmente a população das periferias. Isso porque, assim como em *A máscara da morte rubra*, de Edgar Allan Poe, o distanciamento social, uma das formas mais efetivas de atenuar o avanço do vírus, é privilégio de um grupo restrito de pessoas que não precisa sair de suas casas para assegurar a sua renda.

O fato de a desigualdade econômica fazer com que algumas vidas sejam valorizadas em detrimento de outras é representado também em *Capitães da Areia* de Jorge Amado¹². No romance em questão, mais precisamente no capítulo *Filha de Bexiguento*, o autor denuncia como a Varíola atingia cruelmente os pobres, através da representação da mãe da personagem Dora, lavadeira, que necessitava trabalhar independentemente de suas debilidades físicas, e que acabou morrendo pelas condições de vida às quais era submetida¹². A morte da personagem amadiana, de certa forma, faz-nos notar que com a chegada de um vírus, de uma doença potencialmente letal, as desigualdades sociais que a nossa sociedade fomenta são escancaradas, de forma que a questão: “Quantas lavadeiras têm morrido por conta da Covid-19?” parece ser bastante pertinente.

Além de fatores sociais extremamente preocupantes, de vez em quando, vozes insensatas definem a Pandemia como um instrumento pedagógico de um deus sádico e, com frequência, os chineses são culpados por todas as mortes causadas pelo vírus. Como enfrentar os pesos e medidas incompatíveis, o fanatismo, a xenofobia e, por hora, a inabilidade da ciência no controle de um inimigo invisível? Talvez, à guisa saramaguiana, abrindo os nossos olhos para ver e reparar¹¹, tarefa que a literatura, expondo as nossas mazelas e as maneiras pelas quais as enfrentamos, nos impele a realizar.

E quanto aos profissionais da saúde, em especial, os médicos? Como devem encarar as metáforas bélicas que lhes têm sido atribuídas durante a Pandemia?¹³ Como devem lidar com a representação do Coronavírus como “inimigo invisível”, dos profissionais de saúde como “guerreiros da linha de frente” e dos equipamentos de proteção individual (EPIs) como “escudos” para protegê-los na “batalha” contra a Covid-19?¹³ Como devem se portar em um momento no qual, ora são questionados em relação à ciência, da qual são embaixadores, ora são desumanizados à medida que tratados como heróis, quase imunes à crise e suas consequências? A literatura, em meio às reflexões que nos convida a fazer, será capaz de aplacar a pressão que eles têm sobre os ombros?

Considerações finais

Segundo Celmo Celeno Porto, em seu livro *Cartas aos Estudantes de Medicina*, o processo saúde-doença configura-se, além da patogênese, da ação de agentes infecciosos e de quaisquer outras disfunções no organismo⁹. Nele, estão envolvidas características sociais, culturais, emocionais, econômicas, enfim, a história psicossocial do doente⁹. Nesse âmbito, resalta-se a importância de a Medicina dialogar com as Humanidades (e com a Literatura), visto que, ao compreender o significado metafórico das doenças, e conseqüentemente, as angústias de seus pacientes, o profissional da saúde terá um olhar mais sensível e empático ao processo de adoecimento e, assim, a relação médico-paciente será edificada em fortes alicerces⁹.

Portanto, cremos que não só a Literatura, mas todos os processos que colaboram à humanização dos profissionais médicos podem ajudar-lhes a compreender a complexidade e a metaforização do processo saúde-doença e, conseqüentemente, a enfrentar os “inimigos invisíveis”, sobretudo em um momento tão delicado como o que vivemos, no qual não só a ciência precisa fortalecer-se, mas os laços que nos ligam uns aos outros enquanto seres humanos carentes de sentido e de afeto.

Agradecimentos

Agradecemos ao Departamento de Ciências da Vida (DCV) do Campus I da UNEB pela iniciativa do curso de extensão “A Medicina em Interface com a Literatura: sobre o uso da narrativa oral no consultório”, no qual este trabalho foi produzido. Os agradecimentos se estendem, sobretudo, às professoras Iêda Aleluia, Maristela Sestelo e Nelma Aronia, que foram facilitadoras exímias nas discussões dos temas, e aos colegas de turma, discentes dos cursos de Medicina e Letras, os quais foram imprescindíveis no processo de troca de saberes. Em suma, o curso possibilitou o entendimento de que Medicina e Literatura são uma excelente combinação, sendo capaz de facilitar a compreensão do processo saúde-doença, além de humanizar a relação médico-paciente.

Contribuições dos autores

Barbosa CA, Bertão LSP e Passinho LS realizaram o delineamento, aquisição e interpretação de informações teóricas e literárias, além de redigirem o ensaio teórico.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Referências

1. Ouzounova PV. Caracterização dos doentes e resultados obtidos na consulta de acupuntura no período de 2010 a 2015 [dissertação] [Internet]. Coimbra: Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra; 2016. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/36122/1/Tese%20Preslava.pdf>
2. Candido A. Vários escritos. 4a. ed. São Paulo: Duas Cidades; 2004. p. 169-91.
3. Sontag S. A doença como metáfora. Rio de Janeiro: Graal; 1984.

4. Sófocles. A trilogia tebana. São Paulo: Zahar; 1990.
5. Rylie CC. A Bíblia de Estudo Anotada e Expandida. São Paulo: Mundo Cristão; 2011.
6. Poe EA. Histórias Extraordinárias. 5a.ed. Belo Horizonte: Boa Viagem; 2010.
7. Garret A. Frei Luís de Sousa. 4a. ed. Porto: Livraria Civilização Editora; 1999.
8. Sontag S. Doença como metáfora e Aids e suas metáforas. São Paulo: Companhia de Bolso; 2007.
9. Porto CC. Cartas aos Estudantes de Medicina. 2a.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2018.
10. Abreu CF. A Dama da Noite [Internet]. Opiário; 2003 [citado em 2020 jul. 28]. Disponível em: <https://opiario.livejournal.com/29560.html>
11. Saramago J. Ensaio sobre a cegueira. Porto: Porto Editora; 2016.
12. Amado J. Capitães da Areia. 107a.ed. Rio de Janeiro: Record; 2002.
13. Sabucedo JM, Alzate M, Hur D. COVID-19 and the metaphor of war. International Journal of Social Psychology. 2020;35(3):618-24. <https://doi.org/10.1080/02134748.2020.1783840>